

O APOCALIPSE DE ROMY POCZTARUK ATRAVÉS DO TARÔ

Mirna Xavier Golçalvez

Mestra em artes visuais pela UFPel e desenvolvendo mestrado pela UFRGS. Bacharela em Artes Visuais pela UFPel. Interessada em história da arte, semiótica, arte e feminismo; arte e misticismo.

Resumo: O pensamento de Didi-Huberman diante do legado de Aby Warburg é o que dá abertura para este estudo, que une o trabalho artístico de Romy Pocztaruk e três dos arcanos maiores do tarô, aliando os significados destas cartas à mitologia proposta pela artista gaúcha. A pesquisa tem como tema central o fim do mundo, conceito nuclear tanto para as cartas mencionadas quanto para a poética de Pocztaruk. O fio condutor deste trabalho é tecido através dos personagens principais das narrativas aqui mencionadas, que manuseiam questões apocalípticas através dos filmes e das cartas convidando o observador a repensar a catástrofe.

Palavras-chave: Fim do mundo. Arte contemporânea. Tarô.

ROMY POCZTARUK APOCALYPSE THROUGH THE TAROT

Abstract: Didi-Huberman's work regarding Aby Warburg's legacy is the opening point to this study, which conjoins the artistic works of Romy Pocztaruk and three of the major arcana cards from tarot decks, merging the cards' meanings to the mythology brought forth by the contemporary artist. The research has the end of the world as a focal point, being the nuclear theme both to the aforementioned cards and to Pocztaruk's poetic work. This work's conductive line is woven by the main characters from the cited narratives, who operate the apocalyptic through film and the cards, inviting the spectator to reflect upon catastrophic events.

Keywords: World's end. Contemporary Art. Tarot.



INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi o palco de atribulações: pandemia, incêndios e outras catástrofes atingem o Brasil e o mundo, desencadeando consequências irreparáveis em escala menor e maior. Esta sucessão de dificuldades em uma curta janela de tempo nos lança mais uma vez de encontro às narrativas cataclísmicas da história da cultura, em especial a temática apocalíptica é agora revisitada.

Este trabalho tem interesse em explorar duas dessas narrativas: o fim do mundo abordado pela artista contemporânea Romy Pocztaruk (1983 -) através dos trabalhos *Antes do Azul* (2019) e *Safira* (2019); e as cartas *O Julgamento*, *O Mundo e O Louco* dos baralhos de tarô, especialmente naquele desenvolvido em 1909 por Arthur Waite (1857-1942) e Pamela Colman Smith (1878-1951).

O interesse é estabelecer consonâncias e dissonâncias entre essas duas escatologias, visando construir um diálogo conceitual entre ambas. Para isto, este trabalho se utiliza das falas e dos registros gerados a partir do encontro de Romy Pocztaruk com o mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no qual a artista discorre, comenta e responde perguntas dos mestrandos sobre estes dois trabalhos em parceria com a disciplina *Abordagens da Arte*, ministrada por Mônica Zielinsky.

Já para aprofundar-se nas cartas do tarô como conceito, serão trazidos os escritos produzidos pelo idealizador do baralho e os textos de base nos quais estas cartas foram fundamentadas. Além disso, o olhar que busca semelhanças visuais e textuais entre objetos culturais de épocas distintas é uma constância metodológica trazida pelo filósofo Georges Didi-Huberman (1953 -). O pesquisador volta seu olhar para o trabalho de Aby Warburg (1866-1929) – em especial o *Atlas Mnemosyne*, cujas conjunções de imagem unem referências tecidas pela história da arte em torno de um fio condutor comum – um gesto, uma forma, uma temática. O autor francês discorre sobre o tema no livro *Atlas ou O Gaió Saber Inquieto*, no qual ele comenta que os conjuntos de pranchas propostos por Aby Warburg propõem uma nova abordagem ao saber, especialmente ao saber visual, mencionando que a justaposição de imagens gera “uma forma visual do saber” (DIDI-HUBERMAN, 2018. p. 18). Baseando-se nisso, o trabalho engendra coletâneas visuais como facilitadoras do processo discorrido ao longo do texto, baseando-se nas pranchas warburgianas e visando promover encontros entre temas que são aparentemente desconexos, mas que compartilham de semelhanças entre si, como é o caso dos filmes de Romy Pocztaruk e o tarô.

POCZTARUK: CONCEBER A DISTOPIA

A artista gaúcha, cuja trajetória combina a prática poética com a acadêmica, estende seu alcance a diversos países, sendo contemplada com residências ao redor do mundo, fazendo dos locais visitados participantes ativos em sua prática artística. Dentro do país, a abrangência de Romy Pocztaruk é igualmente notável, mesclando uma intensa prática de pesquisa de campo com suas obras, colocando o artista em um papel de ação perante o mundo e suas intrincadas teias políticas, sociais e culturais.

Ela volta seu trabalho para a área do cinema, da vídeo-arte, da música e similares, não se detendo somente a eles, mostrando-se uma artista multifacetada e com um forte caráter experimental.



Ao falar das obras *Safira* e *Antes do Azul*, Pocztaruk reforça esta singularidade, mencionando que essas produções eram amálgamas vindas de diversos campos da cultura, trazendo o diretor David Lynch (1946 -) como referencial neste quesito, mencionando a importância da série para TV *Twin Peaks* (1990-1991, retornando às telas em 2017) para a construção de *Antes do Azul*.

As parcerias também são pontos importantes do trabalho desenvolvido por Romy Pocztaruk, que reforça a importância de seus colaboradores em sua fala e tem nestas pessoas uma parte ativa de seu trabalho. As ações espontâneas destes participantes mesclam-se às ideias da artista para o trabalho e esta conjugação forma um uníssono neste mito escatológico, reforçando seu viés experimental.

O público, em especial, depara-se com dois filmes tão multifacetados quanto a artista: desdobram-se em clipe, em poesia, em música e atingem o observador em seus sentidos, em sua reflexão. Seus aspectos oníricos se divergem entre uma distopia *cyberpunk* apocalíptica e uma fantasia futurista em technicolor.

O apocalíptico – fio condutor deste trabalho – é abordado em vários ângulos por Pocztaruk, trazendo, em especial em *Antes do Azul* através do texto de Daniel Galera (1973 -), menções a explosões nucleares, a morte se fazendo presente através da luz, corrosão de criações humanas, destruição, pedidos de socorro e outras reverberações da catástrofe.

A artista comenta que o hábito do distanciamento social, reforçado durante o isolamento contra o COVID-19, também se aplicou ao filme, que em 2020 circula majoritariamente na privacidade dos espaços domésticos. Tal constatação levanta a dúvida: qual o caráter desta distopia? Estaria ela participando do nosso cotidiano?

O TARÔ: REVISITANDO O PRESENTE

A história do tarô data desde o século XIV, mas vê no século XX sua maior expansão: novos baralhos surgem aliados às sociedades esotéricas que se disseminavam pela Europa. O aspecto de oráculo, ou seja, um item que traria previsões do futuro, permeia este objeto desde seus primórdios, fixando-se em torno do século XVIII e trazendo a carga simbólica do autoconhecimento a partir do século XX (FARLEY, 2009).

Esses significados atrelados a uma prática de autoconhecimento ficam demarcados através das 78 cartas pelos seus símbolos, posições dentro da organização do baralho, naipes e narrativas. O foco deste trabalho será voltado para algumas das 22 cartas que compõem os arcanos maiores, sendo estas as cartas de conteúdo mais denso dentre as cartas do baralho.

Esta seção em conjunto estabelece conexões entre si, fazendo de sua ordem uma transição linear semelhante a uma narrativa. Em especial, o olhar recai aqui sobre o conjunto de cartas que caracteriza o recomeço do baralho: o arcano de número 20, *O Julgamento*, seguido pelo arcano 21, *O Mundo*, que pode recomeçar no arcano de número 0, *O Louco*.

As três cartas em questão abarcam significados que envolvem finais e inícios: *O Julgamento* vem como um representante do Julgamento Final bíblico, com um anjo que toca uma trombeta enquanto os mortos se erguem de seus túmulos. Já *O Mundo* traz a paz do equilíbrio e da completude em si, sendo uma carta que demarca um final vitorioso,



cujas recompensas vão além do âmbito material. *O Louco*, também chamado de arcano sem número, é o início e também um recomeço, sendo trazido como uma figura andrógina que caminha na direção de um precipício ladeado por um cão.

Portanto, *O Julgamento* se coloca neste conjunto triplo como um início de um fim, a anúncio de mudanças, o choque, um empurro na direção de algo novo. A carta que o acompanha, *O Mundo*, evoca um aspecto cósmico de união, uma parceria cuja natureza tange o transcender, a revisitação de uma realidade na qual o sujeito se vê pertencente. Já *O Louco* surge como uma reinvenção completa do eu, quando ladeado pelas duas cartas já citadas, vindo com um aspecto de redução dos apelos externos para que haja completa sincronia com sua própria vontade, figurada através do cão, cujo papel ali é ser o representante do impulso instintivo do ser humano, a raiz animalesca que permeia a humanidade (WAITE, 1910).

Essa parceria entre cartas, quando ladeada pelos trabalhos de Romy Pocztaruk, intensifica o aspecto entrópico de fins apocalípticos e possíveis recomeços.

ANTES DO AZUL: O JULGAMENTO

O filme inicia-se com a personagem principal vagando em uma caverna, cuja imanência é azul ao fundo, com focos de luz que se espalham pelo espaço, dialogando com a própria formação galáctica. A caverna é vista pelos mitos da Grécia Clássica como uma analogia para o útero materno, um espaço de renascimento que convida o ser que nela habita à transformação.

Georges Didi-Huberman menciona, no texto *Ser Escavação* (2016), que estamos constantemente na busca de um estado nascente que reduz os excessos em busca do que é parte essencial para aquele indivíduo ou aquele material, o que já abre uma janela de discussão em relação à película.

Voltando ao filme de Romy, esse mote, essa espécie de busca por um estado nascente, ainda é reinante nas cenas seguintes, que mostram Valéria, a atriz que encarna a protagonista, manipulando cristais polidos e drusas de cristais. Toda a construção da cena evoca um tom lyncheano: a sala com painéis escuros, imersas em couro, vermelhos e dourados, como se saídos do set da série de Lynch já comentada.

O primeiro cristal que recebe o toque humano é uma pirita, apelidada de ouro dos tolos por sua coloração dourada, que combina com a luva que a toca. O ponto chave aqui é o dourado: instantes depois vemos a protagonista vestindo uma roupa justa da mesma cor, e ela guarda cristais polidos dentro das roupas, culminando no cenário seguinte no qual ela usa um grande adorno dourado na forma de um triângulo.

A iluminação do dourado, a riqueza do ouro, aqui é espalhada ao longo do corpo da personagem: as luvas, as roupas, os adornos e joias demarcam que na caverna ela atinge seu estado nascente. Ela, em essência, é a iluminadora e a iluminada.

A artista comenta que o papel da atriz Valéria pode ser comparado ao do anjo que anuncia um apocalipse, e fica claro através deste dourado: o anjo, descrito biblicamente vindo numa onda de iluminação, aproxima-se e toca uma das trombetas de anúncio do fim dos tempos.



Essa mesma cena bíblica está presente na carta *O Julgamento*, ilustrada por Pamela Colman Smith para o baralho Rider-Waite-Smith e tem alguns paralelos formais traçados com a obra de Romy Pocztaruk: a princípio, o fundo da carta repete os tons azulados da caverna presente na película e o anjo, tal como a personagem vivida por Valéria, possui pequenas chamas junto à sua cabeça.

Durante a sequência da caverna, a protagonista caminha pelo cenário subterrâneo vestindo um aparato que ilumina onde ela olha. Desse modo, seu olhar literalmente lança luz às sombras, investigando o espaço e não fugindo ao olhar do observador, que, assim que é olhado, recebe um clarão da luz provido pela personagem. A protagonista é aquela que volta sua atenção para o que deve ser abandonado e o que deve persistir ao apocalipse, personificando o ato do julgamento e o anjo do fim dos tempos.

O anjo central da carta *O Julgamento* também dirige esse olhar para as pessoas para quem ele se dirige, anunciando o fim iminente iluminado primeiramente por sua observação, que fará um primeiro levantamento daquilo que será mantido perante a catástrofe.

Esse aspecto também é um dos principais significados atrelados à carta, que vê grande valor nos processos de lapidação, expurgo, polimento e na eliminação dos excessos, dialogando assim com a personagem de Valéria na película. Esse significado da carta também remonta o processo descrito por Didi-Huberman: o expurgo daquilo que é considerado desnecessário, a escavação: “Do mesmo modo, a forma extraída do material será pensada como resultado de uma exploração, de uma escavação” (DIDI-HUBERMAN, 2016. p. 55).

O Julgamento é trazido através da poética de Kim Krans, autora e ilustradora do *The Wild Unknown Tarot*, como uma pomba que lança voo diante de um revoar de morcegos, cujo habitat constantemente se faz em cavernas. A ave flutua de asas abertas, remontando o emblema alquímico de nome Drey Principia, que é relacionado à aurora – tanto literal quanto metafóricamente (**Figura 1**).

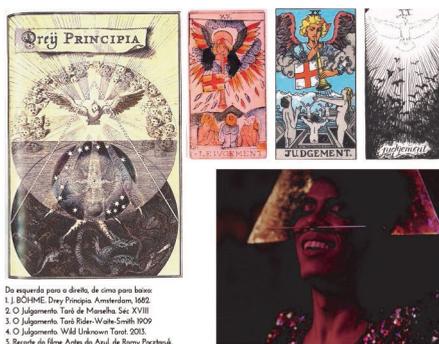


Figura 1. Coletânea Julgamento. Colagem Digital. 2020. Preparado pela autora.



A linha-guia de iluminação diante da escuridão é traçada também durante o filme através das primeiras cenas: a personagem é iluminada somente através de alguns pontos de luz ao longo da caverna, durante suas cenas de desespero, na qual ela é vista de cima, vemos luzes piscando em tons de verde, vermelho e azul, indo lado a lado com a descrição dada pelo texto em *off*, que descreve a luz de explosões nucleares. Por fim, a própria personagem torna-se a luz: ela veste-se com lantejoulas, que captam e refletem os raios luminosos, bem como o dourado de seus adereços: o colar, o *piercing* e o adereço da cabeça fazem da própria presença da personagem de Valéria como a presença da luz. A protagonista ainda está cercada de corpos que dividem as peculiaridades de figurino com ela, especialmente nas roupas – cobertas de lantejoulas – e maquiagem cintilante.

As pessoas que dançam ao lado da personagem de Valéria dialogam com os corpos que se erguem diante do anjo ilustrado no Tarô Rider-Waite-Smith, cercando a protagonista, respondendo aos seus movimentos e entregando-se à sua presença.

A cena da carta sugere um grande pedido de súplica vindo desses corpos, enquanto a película reforça um final cósmico que se realiza através de uma dança. O anjo personificado por Valéria não se remove da dança evocada pelas moças ao seu redor, mas ativamente participa da mesma. A relação do tarô com a dança demonstrada na película será aprofundada posteriormente através da carta *O Mundo*.

A relação entre anjo-povo proposta por Pocztaruk é igualitária – uma das moças aproxima-se da protagonista num flerte e elas dançam, dividindo a pista de dança com outras moças em seguida, acolhendo o agouro do fim do mundo. Já na carta, o anjo posiciona-se como uma figura de poder, erguendo-se perante as pessoas com seus anúncios inescapáveis enquanto os mortos se erguem de seus túmulos e pedem por clemência, havendo uma distinção de hierarquia demarcada entre anjo e povo.

ANTES DO AZUL: O MUNDO

Romy Pocztaruk comenta, tanto sobre o filme *Antes do Azul* quanto sobre Safira, que há um interesse na representação de corpos que apresentem a dualidade entre o masculino e o feminino: a androginia e identidades transgênero estão no ponto central das duas obras, abrindo um diálogo sobre a representação desses corpos e seu papel na reconstrução de uma visão de mundo.

Como pontuado anteriormente, a protagonista vivida por Valéria se mostra como o anjo do apocalipse, mas não se contém neste papel: Ela também anuncia a chegada do novo e a queda do antigo, que é balanceado por este novo aspecto. Aqui, a personagem dela também é a protagonista em *O Mundo* (**Figura 2**).

Ela habita a posição central não só no filme, como protagonista, mas como a personificação deste equilíbrio dinâmico do novo mundo construído através da iluminação alcançada por ela em *O Julgamento*. Ela dança, tal qual a personagem principal da carta – que se movimenta numa pose que explicita sua ação flutuante – e contenta-se com esta atividade diante deste apocalipse prenunciado por ela.

A nova organização de *O Mundo* sucede *O Julgamento* de uma forma convidativa: uma ordem dinâmica, dançante, que se engendra organicamente conforme o passo de seus bailarinos e guiados pelo anjo em direção a um equilíbrio.



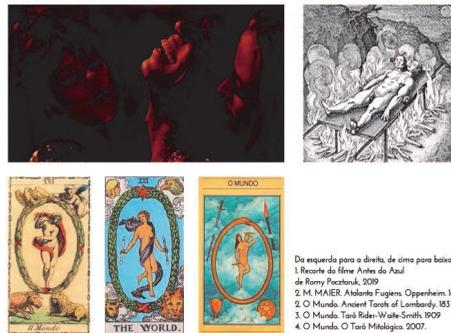


Figura 2. Coletânea Mundo. Colagem Digital. 2020. Preparado pela autora.

A dualidade entre masculino e feminino pontuada pela diretora e criadora do filme já é mencionada na carta, que, em algumas versões, traz uma figura que divide estas polaridades em um só corpo, sendo uma representação simbólica deste equilíbrio.

Esta dualidade é constantemente representada através da figura mitológica de Hermafrodito, que une os saberes místicos do deus Hermes e a potência carnal de Afrodite. A protagonista da película se coloca aqui como a personificação deste equilíbrio reina sobre os cenários, as interações com as outras personagens e permeia o observador através dos sentidos: a voz de Valéria ecoa, sua imagem resplandece na tela e somos guiados por ela para dentro deste mundo engendrado por ela.

SAFIRA: O LOUCO

O trajeto traçado pelo anjo protagonizado por Valéria para a reinvenção do mundo através do apocalipse é também trazido por um segundo personagem, Safira, protagonista do filme homônimo desenvolvido por Romy Pocztauruk. A personagem, vivida por Filipe Catto, divide com a personagem de Valéria a dualidade abordada na seção anterior e é também demarcada pela diretora do filme como uma das mensageiras do apocalipse.

A protagonista do filme divide cena com um falcão, tomando parte das características do animal para si – penas nos cabelos, por exemplo – e participando de uma parceria mútua com a ave. Tal aspecto é repetido diversas vezes ao longo da película, que compõe cenas nas quais esta paridade fica demarcada. Na terceira imagem da Coletânea Louco (**figura 3**), por exemplo, o rosto da ave e do ser humano voltam-se para o mesmo lado e suas silhuetas ficam em evidência através da semelhança formal entre nariz e bico.

Esta é a premissa da carta *O Louco*, cujo mote é revisto em *Safira*: a interação entre o humano e o animal, a liberdade de vagar por estas (e outras) identidades, a androginia – que é questão chave tanto na carta quanto no filme de Pocztauruk – são pontos que colocam a personagem Safira como um ser que convive em harmonia com o natural, o animal, a liberdade. Ela também instiga a dinâmica entre masculino e feminino; humano e animal;



natureza e cultura; racional e animalesco sendo a personificação do equilíbrio da dança proposta anteriormente em *O Mundo*.

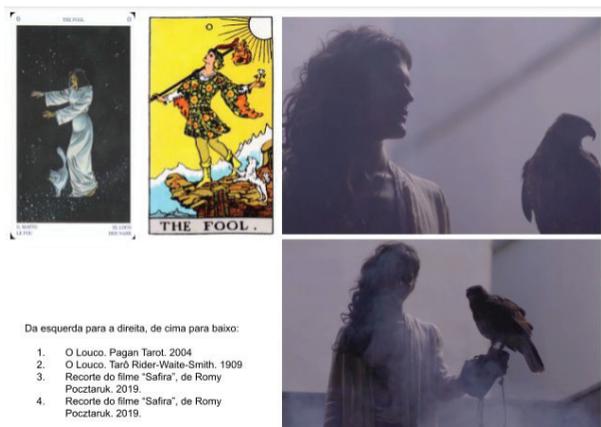


Figura 3. Coletânea Louco. Colagem Digital. 2021. Preparado pela autora.

Esta carta também se encontra numa posição inusitada nos conjuntos de tarô: *O Louco* traz em si o número zero, removendo-o da linearidade proposta pelos arcanos maiores, que se desenvolvem de maneira progressiva. Por conter esse número, *O Louco* pontua-se como início e fim das cartas, sugerindo um olhar cíclico para as cartas, ao invés de linear.

Através do fio condutor estabelecido pelo fim do mundo na mitologia proposta por Romy Pocztaruk, a personagem vivida por Filipe Catto personifica uma ideia semelhante, levantando questões sobre a sobrevivência e a prosperidade após a catástrofe. Como construir algo após a perda de tudo?

O próprio cenário onde a personagem habita nos dá um norte: o aspecto etéreo, enevoado e turvo do espaço remonta um não-lugar, um local que, assim como *O Louco*, sugere um desprendimento da linearidade do tempo. Pocztaruk também reforça este mote através das cenas iniciais da película, que retratam o espaço sideral.

O mesmo cenário é plano de fundo para a versão de *O Louco* produzida por Gina Pace para o *Pagan Tarot*, publicado pela Lo Scarabeo em 2004. A carta traz uma figura feminina de túnica clara vagando pelo espaço enquanto é ladeada por um gato branco. Ela tateia por esta área, tão turva quanto o salão enevoado habitado pela personagem protagonista de *Safira*.

A área escura, permeada por neblina, sem referências espaciais com as quais o sujeito pode se guiar é um mote que se repete ao longo da história da cultura e remete mais uma vez ao território intrauterino – o espaço, o oceano, uma caverna, um lago, um túnel – e demarcando a noção de renascimento, de um novo início, que também é evocado tanto por *O Louco* quanto por *Safira*.



CONCLUSÕES

O trabalho de Romy Pocztaruk ecoa com intensidade em tempos de pandemia, no qual constantemente nos questionamos sobre a natureza dos finais, das rupturas e dos momentos apocalípticos que vivemos. O respiro trazido pela artista diante deste denso tema fica potencializado através da ótica do tarô, cuja própria natureza instiga uma revisitação da realidade por intermédio das cartas. As consonâncias entre Pocztaruk e o tarô trazem reflexões que colaboram com a construção de sentido de ambos os materiais e instigam o observador a integrar estes aspectos em sua vida cotidiana.

O mesmo processo é pontuado por Didi-Huberman em relação às pranchas produzidas por Aby Warburg para o *Atlas Mnemosyne*. O autor francês afirma que “O Atlas warburgiano é um objeto pensado como uma aposta. É a aposta que as imagens unidas de certo modo nos ofereceriam uma possibilidade – ou melhor, o recurso inesgotável de uma releitura do mundo” (DIDI-HUBERMAN, 2018. p. 27).

As coletâneas de imagens aqui trazidas voltam-se para esta prática: um engendramento de figuras, textos, recortes e *frames* que, quando em conjunto, dão visibilidade àquilo que não está escrito, fazendo da colaboração entre Romy Pocztaruk e o tarô uma dentre as milhares de linhas de interesse a serem tecidas atravessando as artes visuais.

REFERÊNCIAS

ANTES DO AZUL. Dirigido por Romy Pocztaruk. 13min55s. Disponível em <<https://vimeo.com/376256736>>. Acesso em 20 out 2020.

ANTES DO AZUL – Exposição de Romy Pocztaruk / Gabriela Motta. - Porto Alegre: Instituto Ling, 2019. (Catálogo de Exposição)

ATLAS. Entrevista com Georges Didi-Huberman. Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía. Publicado em 21 dez 2010. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WwVMni3b2Zo>>. Acesso em 25 jun 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ser Crânio: Lugar, Contato, Pensamento, Escultura*. Editora C/Arte. 1ª Edição. 2016.

_____. *Atlas ou O Gaió Saber Inquieto: O olho da história III*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.

FARLEY, Helen. *A Cultural History of Tarot: From Entertainment to Esotericism*. 1ª Edição. Editora I.B. Tauris. Nova Iorque. 2009.

ROMY Pocztaruk, videoconferência 15/10/2020. Pedro Paiva. Publicado em 15 out 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=48rfratjbP0>>. Acesso em 16 out 2020.

ROMYPOCZ – Works. <<https://www.romypocz.com>> . Acesso em 20 out 2020.

ROOB, Alexander. *The Hermetic Museum: Alchemy and Mysticism. Taschen*. Londres. 2019.

SAFIRA. Dirigido por Romy Pocztaruk. 9min28s. Disponível em <<https://vimeo.com/364827576>> . Acesso em 20 out 2020.

WAITE, A. E. *The Pictorial Key to the Tarot*. 1ª edição. Rider & Son. Londres. 1910.

